

CHANCHADA

Aproveito meus poucos dias de Rio para ir a um teatro, e a peça que se estréia aqui fez um enorme sucesso em S. Paulo: "Santa Marta Fabril S. A.". A explicação desse êxito é fácil, por se tratar de uma sátira violenta a certo setor da burguesia paulista, envolvendo, inclusive, sua participação no Movimento Constitucionalista e sua posterior recomposição com o governo federal. Nosso teatro de comédia vive tão longe dos temas políticos e sociais que uma tal peça só poderia despertar interesse, principalmente em São Paulo.

O que não me impedirá de dizer o que me pareceu horrivelmente chocante na peça: sua baixa qualidade literária. É mais do que ruim, é francamente reles. Uma ou outra passagem de espírito não dá para erguer seu nível. A psicologia dos personagens é marcada de maneira primária, grosseira, infantil. O vilão burguês, não contente de fazer suas maroteiras faz questão de explicar que está agindo assim porque é um hipócrita... fala "à parte", para que o público não tenha a menor dúvida. No plano político e no plano conjugal ele é desnecessariamente torpe, e tão óbvio que perde o caráter humano. Declara, sem ninguém lhe perguntar nada, que gosta mais da fábrica, fonte de dinheiro, que de sua mãe... No final a herdeira rica, de 22 anos, foge com o filho do contramestre, sem qualquer necessidade; e sua mãe, juntamente com um amante aposentado, bebe champagne e dá um "morra" à fábrica. É tólo, é bôbo, é por demais bôbo e tólo.

Ainda que explicável, acho deprimente para nosso nível cultural o sucesso de uma tal peça. Ela é indigna de seu autor, que já provou ser capaz de coisas bem melhores. É indigna do Teatro Brasileiro de Comédia que, se tivesse uma direção intelectualmente responsável, não poderia aceitar uma tal chanchada. Dá pena ver uma tal baboseira tão bem dirigida, tão bem marcada por Adolfo Celi e tão bem interpretada por um conjunto de tão boa qualidade em que domina, pela incomparável magia de sua graça, de sua beleza e de sua impressionante classe de artista, a nossa querida Tonia Carrero. Acho especialmente lamentável que uma companhia como o TBC aceite isso. Há um nível intelectual abaixo do qual não se pode descer sem vergonha, sejam quais forem os objetivos políticos — no caso uma justificacão da ditadura e um sesianismo barato, primário e que chega tarde.

Sei que não é simpático escrever essas coisas, mas quero deixar aqui o meu inútil protesto. Do ponto de vista intelectual a peça é indecente e eu ficaria de mau humor uma semana inteira se não dissesse isso. Tenha paciência, doutor Abílio.

16/7/55

R. B.

311